

de Sousa, João Rui (2014). *Respirare attraverso l'acqua: Antologia poetica*. A cura di António Fournier e Alessandro Granata Seixas. Alessandria: Edizioni dell'Orso, pp. 137

Manuel G. Simões (Università Ca' Foscari Venezia, Italia)

A antologia cumpre a função de apresentar em Itália um poeta português que há muito merecia ser divulgado pela originalidade de uma obra que, desde os anos '50, animou a actividade poética portuguesa. E nem se pode negar a atenção que a poesia da área lusitana tem merecido por parte de tradutores e estudiosos italianos, desde a colectânea individual às antologias clássicas de Giuseppe Tavani (*Da Pessoa a Oliveira*, 1973) ou de Carlo Vittorio Cattaneo (*La Nuova Poesia Portoghese*, 1975), por exemplo. João Rui de Sousa (n. 1928), todavia, não logrou figurar nestas propostas, talvez porque operou sempre de forma discreta, avesso às operações de marketing literário, sem aderir propriamente aos grandes movimentos do século XX, desde o segundo Modernismo, o Neorealismo e Pós-modernismo, obtendo o reconhecimento público sobretudo depois da publicação da *Obra Poética: 1960-2000* (2002), sendo, portanto, já do século XXI os prémios sucessivos da Associação dos Críticos Literários, do PEN Club Português (2002), do Prémio António Ramos Rosa (2008) e da Associação Portuguesa de Escritores, este último conseguido em 2012.

Por todos estes motivos, é de saudar a iniciativa dos dois organizadores da presente antologia, a qual, à partida, me parece equilibrada, até pela representação de todos os livros do poeta, enriquecida ainda por um inédito significativo (*Em louvor de Giacomo Leopardi*), composição em honra do consagrado autor de *L'Infinito*. A colectânea inscreve, além disso, um prefácio de Alessandro Granata Seixas e um posfácio de António Fournier, dois textos que se complementam na tentativa de contextualizar, no espaço e no tempo, a poética de João Rui de Sousa, sublinhando as suas linhas de força e a sua especificidade no âmbito da poesia portuguesa.

E não é difícil concordar, em muitos pontos, com a síntese de António Fournier: «Ma oltre agli echi delle poetiche simboliste, moderniste, neo-realiste o surrealiste [...] senza comprometersi veramente con nessuna di esse, è la fedeltà a un moto esistenzialista *latu sensu* cioè che meglio caratterizza la poesia di quest'autore» (p. 118). Isto determina uma expressão poética legível como veículo de insatisfação existencial, o que não contra-

ria o obstinado rigor no sentido da «libertação da palavra», e até, aqui e ali, referências explícitas ao confronto com o concreto, de que é exemplo significativo o poema *Ontologia para uso pessoal* (pp. 20-21): «Esiste solo la forma | dei corpi e le parole | (e la certezza di essere / abitanti di queste rive)» (*Meditazione a Samos*, 1970).

Sobre a tradução, deve referir-se, antes de mais, a tarefa árdua superada pelos tradutores, de um modo geral com competência, respeitando o nível poético e mantendo, até ao limite do possível, a estrutura métrico-rítmica do texto de partida. É verdade que há escolhas que mereciam maior reflexão, de modo a não desvirtuarem desnecessariamente o sentido do discurso, para além de casos que representam, quanto a mim, desatenções inesperadas. Alguns exemplos: a palavra «lume», decalcada do português (pp. 46-47; 56-57; 104-105) em lugar de «fuoco/luce»; ou o significante «valas» interpretado como «valli», produzindo assim uma ambiguidade não justificada (pp. 46-47; 106-107). Além disso, não se compreende a tradução de «Grandes ...dias» por «Grandiosi...giorni» (pp. 100-101), quando a implicação do adjectivo não é propriamente de euforia; ou a expressão «o indizível/sentido» por «l'ineffabile/senso» (pp. 4-5), num contexto em que «indicibile» resolveria até a rima com o precedente «invisibile».

Mais controversos, porém, me parecem os desvios operados no último terceto do poema *A lebre das cores*, onde o verso «já morto estava antes de ser vida» tem como solução incompreensível «era già morto prima di venir depredato» (pp. 44-45); ou na quarta oitava de *Griska, o gato* (pp. 86-87), com algumas invenções desnecessárias no sentido de manter a métrica do original. De outro tipo é a tradução de «país de fado»/«paese del destino», em si correcta, no belíssimo poema *Há um país enterrado no peito* (pp. 36-37). Aqui, todavia, seria preferível, creio eu, manter o português «fado», isto para acentuar que a expansão textual depende essencialmente deste primeiro verso («Porque há um país de fado») e onde a palavra «fado» condiciona a leitura do inteiro poema, texto exemplar da «polivalenza semantica» e do «principio di autocoscienza storica» de que fala António Fournier no seu pertinente posfácio.